

## Precisamos inovar mais. Como?

Silvio Meira

A capacidade inovadora nacional está muito aquém do potencial; o Executivo precisa liderar essa tarefa.

Na entrega do Prêmio Finep de Inovação deste ano, a presidente da República, Dilma Rousseff, aliou sua voz às muitas que defendem, há tempos, que o país precisa inovar mais.

Tomara que tal aliança se transforme em ações de governo e da iniciativa privada em todos os níveis, resultando em condições para que o Brasil inove mais. E talvez fosse bom definir inovação, para guiar o "innovar mais".

Precisamos inovar mais porque (...) "inovação é a única fonte de vantagens competitivas sustentáveis". E inovar é (...) "mudar o comportamento de agentes, no mercado, como fornecedores e (ou) consumidores de qualquer coisa".

Ainda podemos recorrer a uma pergunta, feita por Martin Varsavsky (...) "por que os americanos dominam o mercado de software e internet"? A resposta, do próprio, é que eles têm uma "visão de mundo". Qualquer "startup" do Vale do Silício está tentando resolver um "problema mundial", da internet inteira, e não da esquina, da Califórnia ou dos Estados Unidos.

O mercado (pelo menos conceitualmente) é o mundo. É lá que precisamos mudar comportamentos, onde temos que nos diferenciar para competir de forma sustentada. Há quem defenda que criatividade, inovação e empreendedorismo são assuntos da iniciativa privada e que o Estado deve ficar tão longe disso quanto possível.

Analisando exemplos como a Coreia do Norte, é fácil defender tal tese. Especialmente quando se compara a países onde o envolvimento do Estado nos assuntos privados é mínimo.

No Brasil, nem uma coisa nem outra acontecem. E é preciso simplificar o país para inovar mais ou, em certos casos, para inovar. Por quê?

Porque estamos inovando "dentro dos nossos limites", que quase sempre nos deixam bem aquém do nosso potencial. Um exemplo? Mesmo nos limites da educação nacional, foi possível criar uma vasta rede de instituições de ciência e tecnologia povoada por professores e pesquisadores de classe mundial.

Mas o relacionamento das universidades e dos centros de pesquisa estatais com as empresas e com o mercado é precário, em boa parte porque os prêmios de produtividade são escassos ou inexistentes. E porque os incentivos são mais para preencher um histórico de publicações do que para contribuir para o desenvolvimento nacional, mesmo em áreas essencialmente técnicas, onde se supõe que os problemas deveriam vir do mercado e não das prateleiras das universidades. E esse é só um exemplo.

É difícil inovar quando tempo e recursos que poderiam ser investidos em inovação se perdem em processos que vão contra a lógica da competição nos e pelos mercados internacionais.

A grande complicação trabalhista, burocrática, regulatória e cartorial brasileira é só parte dos empecilhos nacionais à inovação. A grande dispersão nacional em torno de pequenos projetos de curto prazo, oriundos de uma dinâmica política idem, não cria

encomendas estratégicas que levam a competências negociais capazes de dominar mercados internacionais por anos a fio. E isso quando temos geografia, população, economia, diversidade e complexidade que poucos têm.

É bom lembrar que nossa excelência em commodities agrícolas não é porque "em se plantando tudo dá".

Por trás de uma competência mundialmente reconhecida houve um desenho estratégico de longo prazo e uma parceria entre o público -da Embrapa (1972) e do Inpe (1971) ao financiamento às safras- e o privado, uma miríade de investidores, empreendedores e empreendimentos que levou a uma performance inimaginável se o problema tivesse sido deixado para o mercado por si só.

Em resumo, a capacidade inovadora nacional está muito aquém do potencial, quer para demandas locais, regionais ou mundiais.

Mas o Executivo precisa fazer mais do que conclamar o país a inovar: tem a obrigação de liderar o desenho de um grande projeto nacional e de criar as condições para que todos, em conjunto, consigamos desenvolvê-lo. De forma inovadora.

Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mercado/16297-precisamos-inovar-mais-como.shtml>>, publicado em 22 Dez. 2011. Acesso em 10 nov. 2013.

**SILVIO MEIRA** é professor titular de engenharia de software do [www.cin.ufpe.br](http://www.cin.ufpe.br), fundador do [www.portodigital.org](http://www.portodigital.org) e cientista-chefe do [www.cesar.org.br](http://www.cesar.org.br).

### **Instruções:**

Produzir um texto contendo capa, introdução, apresentação do tema, discussão do assunto (resposta da questão), conclusão e referencias. Usar as regras da ABNT. Há no meu site material sobre ABNT (escolher o link: Pitágoras/MetodologiaCientífica).

Leia o texto e faça uma pesquisa sobre o assunto (deve ter pelo menos mais 2 referencias). Responda a questão: Como o Brasil pode desenvolver novas tecnologias para participar do mercado mundial?

Encaminhar por email para [walteno@yahoo.com.br](mailto:walteno@yahoo.com.br) colocando no assunto: **CTS\_Tr3-<nome>** até o dia **05/12 as 23 horas**. Salvar o arquivo DOC (versão 2003 ou inferior) com o nome de **CTS\_Tr3-<nome>**, onde <nome> é o nome do componente do grupo.

Entregar a cópia da capa do trabalho impressa para o professor na hora da aula (06/12). Para que ocorra a avaliação da discussão do tema em sala e posterior correção do texto.